

CAMINHOS DE DEVOÇÃO: A PROCISSÃO DO NOSSO SENHOR DOS PASSOS DA IGREJA DE SÃO JOÃO DA FOZ DO DOURO

MARISA SANTOS*

Resumo: O território da Foz do Douro é pontuado por cinco Passos que integravam o percurso da Procissão do Nosso Senhor dos Passos que em tempos animou a comunidade local durante o período quaresmal. A Venerável Confraria do Nosso Senhor dos Passos e da Nossa Senhora da Soledade, responsável pela organização desta prática, mandou erguer, entre 1752 e 1767, os Passos do Passeio Alegre, Rua Bela, Santa Anastácia, Rua do Alto da Vila e Largo do Rio da Bica, segundo o risco de Manuel dos Santos Porto. Estas estruturas refletem hoje a materialidade de uma realidade perdida, reanimada através da memória dos mais velhos e pelas fontes escritas (séculos XVIII-XX) e iconográficas recolhidas (século XX). Neste artigo pretendemos compreender quais os elementos que compunham a procissão, percursos e estruturas arquitetónicas associadas.

Palavras-chave: Passos da Paixão; Foz do Douro; Procissões; Percursos; Devoções.

Abstract: The territory of Foz do Douro has five architectures called Passos, which were part of the route of the Procession of Our Lord of Steps. These were a part of the route of the Procession of Our Lord of Steps, which left the church on the fourth Sunday of Lent. The Venerable Brotherhood Our Lord of Steps and Our Lady of Solitude was responsible for organizing this practice. Between 1752 and 1767 the Passos do Passeio Alegre, Rua Bela, Santa Anastácia, Rua do Alto da Vila and Largo do Rio da Bica were erected, according to the risk of Manuel dos Santos Porto. These structures today reflect the materiality of a lost reality, revived through the memory of the elders and by the written (17th-20th century) and collected iconographic (20th century) sources. In this article, we intend to understand which elements comprised the procession, its paths, and the architectural structures associated.

Keywords: Passion of Christ; Foz do Douro; Processions; Courses; Devotion.

CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

O momento de festa interrompe o quotidiano. O calendário litúrgico compreende variados momentos de celebração como a Quaresma, o *Corpus Christi* ou o Natal, aos quais se somam as festividades em honra da Virgem e Santos. Um dos momentos mais importantes na festividade é a procissão que encerra em si um grande valor simbólico. É um «movimento de ritualização destinado à devoção colectiva»¹. Segundo as Constituições Sinodais (1735), uma procissão «he huã oração publica feita a Deos por hum commum ajuntamento de Fieis, disposto

* CITCEM/FLUP. Email: Marisaflup02@gmail.com.

¹ CARDONA, 2008-2009: 127.

com certa ordem, que vai de hum lugar Sagrado a outro lugar Sagrado»². Os crentes preparavam a igreja, ruas e andores aguardando com anseio o início do percurso moroso. Segundo Paula Cardona:

*as procissões transformam-se em grandes festivais urbanos, têm como cenário ideal as cidades, como epicentro a igreja e a praça que a envolve, implicavam um itinerário muito bem definido, percorrido por uma massa humana em movimento pelas ruas mais importantes que se preparavam cuidadosamente*³.

Neste artigo propomo-nos estudar a composição, percursos e estruturas associadas à Procissão do Senhor dos Passos na Foz do Douro. Autores como Magalhães Basto, Nuno Moura e o cónego Rui Osório⁴ apontam a existência dos Passos construídos, mas não os relacionam com a prática a eles associada, constatando-se a inexistência de trabalhos que a descrevam.

A recolha de fontes escritas inéditas (séculos XVIII-XX) presentes no APFD⁵, produzidas pela Venerável Confraria do Nosso Senhor dos Passos e da Nossa Senhora da Soledade (CSP), foi essencial para o desenvolvimento desta reflexão. Na mesma linha, refira-se a importância da consulta do jornal «O Tripeiro» (século XX) que aborda uma personagem intrigante no contexto das procissões dos Passos do Porto. A recolha de registos orais junto da comunidade idosa, que ainda se recorda de participar na procissão na sua infância, permitiu-nos compreender esta vivência devocional e proporcionou o levantamento de fontes iconográficas, nomeadamente fotografias e um registo fílmico da procissão datado entre 1950-1956⁶. Para a determinação desta cronologia contribuiu o facto de: 1) surgir o padre Manuel Dias da Costa (05:10), pároco da Foz do Douro entre 1936 e 1974; 2) o portão do Passo da Rua Bela aparecer em madeira (04:58) e sabermos que em 1957 foi substituído por um de ferro⁷; 3) o projeto para a rampa de acesso ao adro da igreja datar de junho de 1950⁸ e na filmagem já estar concretizado⁹. Este registo corresponde à digitalização de fragmentos de uma bobine encontrada em 2008 pelo cónego Rui Osório nas arrecadações da igreja paroquial, que em tempos serviram a CSP. O exemplar analisado foi-nos fornecido por Conceição Almeida, habitante da Foz, desconhecendo-se o paradeiro do suporte original.

Destacamos leituras como *La Semana Santa en el Bajo Aragón* de Segura Rodríguez (1987); *Espectáculo y celebración religiosa en la Murcia del siglo XVIII* de Antonio Peñafiel Ramón (2001); *Vivências da Paixão de Cristo: a imaginária religiosa no concelho de Ovar* (2003);

² SOUSA, 1735: 243.

³ CARDONA, 2008-2009: 128.

⁴ BASTO, 1945; MOURA, 2009; OSÓRIO, 2010, 2015.

⁵ Arquivo Paroquial da Foz do Douro.

⁶ [Procissão do Senhor dos Passos da Foz do Douro], c. 2008 [1950-1956].

⁷ APFD. Livro 6, 1957, fl. 26.

⁸ AHMP. *Estudo de um novo acesso ao Largo da Igreja da Foz*, 1950. D-CMP4(113).

⁹ Em *A Procissão dos Passos da Paixão de São João da Foz do Douro* (SANTOS, 2019: 100-118) apontamos uma cronologia mais alargada (1940-1972) devido ao desconhecimento dos pontos 2 e 3 à época.

Procissões sacras: arte e equipamentos no universo das confrarias de Paula Cardona (2008-2009) e *La Semana Santa en Galicia* com direção de Francisco Rodríguez Iglesias (2008).

Pretendemos com este artigo contribuir para o estudo da Procissão dos Passos no contexto da Foz do Douro, reavivando, através da escrita, uma prática que caiu em desuso neste território.

1. A PROCISSÃO E OS SEUS PASSOS

A CSP, instituída em 1671 na paróquia da Foz, tinha à sua responsabilidade um altar dedicado ao Senhor dos Passos, com as imagens de Cristo a carregar a cruz e de Nossa Senhora da Soledade. Segundo as Memórias Paroquiais (1758), a imagem «sahe em procissão na quarta Dominga da Quaresma nesta freg.^a; tem Comffraria, e a custa della se fazem todas as suas funções»¹⁰. Desconhecemos a data de início desta prática, mas em 1713 era registado o montante pago ao armador para a festividade, no entanto sem referir a procissão¹¹. Em 1715 é identificada: «Pello que se deu ao sineiro por aluguer de seis tochas e onze vellas qui se alugaram pera a procissão do Senhor»¹², o que poderá inferir a sua anterior existência.

Esta celebração não é exclusiva da Foz do Douro. É conhecida a existência da Procissão do Senhor dos Passos da Graça, em Lisboa, organizada desde 1587. Esta prática estende-se também a Monção (séculos XVII-XIX), Mafra (século XVII), Ovar (século XVIII) e Braga.

No Porto (séculos XVII-XX), a Procissão dos Passos saía da Sé e dirigia-se à Igreja de São João Novo. O jornal «O Tripeiro» conta que «Era quasi sempre no mez de março que saia a procissão dos Passos [...] que devia realizar-se na primeira sexta-feira da quaresma». Conclui-se que a data desta celebração variava de local para local, uma vez que na Foz do Douro decorria no quarto domingo da Quaresma.

A mesma notícia diz-nos que: «Na véspera [...] era o andor do Senhor dos Passos, encerrado em um camarim, conduzido [...] da igreja de S. João Novo para a da Sé, onde ficava até voltar em procissão para a sua igreja»¹³. Do outro lado da ponte, ia da Igreja da Serra do Pilar «na noite de sexta-feira de Lazaro, a Sagrada Imagem do Senhor dos Passos, em um andor para a igreja de Santa Marinha, como aconteceu até ao anno de 1826; e no domingo seguinte saía de tarde em solemne procissão, seguindo pelos Passos [...] e se recolhia outra vez na sua igreja da Serra»¹⁴.

A prática desta procissão estendeu-se às cidades do território brasileiro, citando-se a título de exemplo as que ocorriam em São Cristóvão (Sergipe) e Pirenópolis, com início no século XVIII. Na vizinha Espanha, destacamos a procissão em Olivença, organizada pela Real Archicofradía del Señor de los Pasos, e a de Baiona, que decorre na tarde de Sexta-Feira Santa.

¹⁰ ANTT. *Memórias paroquiais*, vol. 16, n.º 139, p. 880.

¹¹ APFD. Livro 68, 1713, fl. 30.

¹² APFD. Livro 68, 1715, fl. 57v.

¹³ *Festas e solemnidades extintas por Velho Tripeiro*, 1910: 447.

¹⁴ SANTOS, 1908: 51-52.

À semelhança de Ovar, também a Foz do Douro é pontuada por Passos construídos. Apontamos os Passos do Passeio Alegre, Rua Bela, Santa Anastácia, Cimo de Vila (ou Alto de Vila) e Rio da Bica (ou da Feira), que marcam cinco estações da Via-Sacra, desconhecendo-se a sua correspondência, uma vez que, ao longo do percurso, eram montadas armações, destinadas a completar o sentido do percurso. Estas são referidas em 1721, registando-se o gasto de «400 réis na construção das estações», ou seja, na armação de Passos¹⁵. As pinturas sobre madeira colocadas no interior dos Passos poderiam ajudar-nos a identificar as estações. Contudo, essas obras datam deste século, tendo sido colocadas sem critério de relação. Acreditamos que as três pinturas expostas no edifício anexo à igreja, possivelmente datadas do século XVIII, seriam as originais. A primeira poderá ser identificada como encontro de Jesus com as mulheres de Jerusalém; a segunda como a primeira queda de Cristo, podendo corresponder ao Passo do Passeio Alegre; e a terceira, apesar do mau estado, poderá ser lida como o encontro com «a Mãe» ou o momento em que Jesus é despojado das suas vestes.

Tendo por base os registos da CSP (século XVIII), acreditamos que os locais escolhidos para a construção dos Passos correspondem aos lugares onde outrora eram armadas as estações. O ano de 1733 relata o «Passo do Fontão», referente ao Passo do Passeio Alegre; «Passo da Rua da Costa», atual Passo da Rua Bela e «Passo da Rua da Biqua», conhecido como o Passo do Rio da Bica¹⁶. Em 1734 é referenciado o «Paço da Rua de Sima» associado ao Passo do Cimo de Vila¹⁷.

Apesar de em 1752 a CSP descrever a sua vontade na construção dos Passos, só a 15 de outubro de 1764 é celebrado o contrato para «a factura das capelas do Snr. Dos Santos Passos com o mestre Pedreiro Manuel dos Santos Porto», com «os seu licerces em sicoenta e nove mil Reis»¹⁸. Em 1767, os Passos estavam abertos, registando-se o rendimento das «bacias das Sestas feiras à noite na visita dos Passos — 1\$ 199»¹⁹.

Estas estruturas enquadram-se na paisagem como pequenos oratórios, apresentando uma linguagem formal barroca (Fig. 1). São compostas por uma moldura granítica, dividida em três partes. Na zona inferior surge a base das pilastras, com o seu toro saliente e recortado, assumindo um movimento ondulante que se desenvolve pelo segundo nível, no qual se destaca uma pilastra adossada de cada lado, decorada por uma voluta com motivos vegetalistas. A rematar está um frontão triangular irregular, com uma cartela decorada com motivos vegetalistas ao centro. No interior de quatro dos cinco Passos encontra-se um pequeno altar junto à porta, exceto no do Alto de Vila, também conhecido como Capela do Senhor dos Aflitos. Esta capela, bem como o Passo do Passeio Alegre, foi deslocada. A 21 de abril de 1910 é aprovado «o projecto de expropriação de uma pequena capella denominada do Senhor dos Afflictos

¹⁵ APFD. Livro 68, 1721, fls. 66-67.

¹⁶ APFD. Livro 84, 1733, fl. 33.

¹⁷ APFD. Livro 84, 1734, fl. 33.

¹⁸ APFD. Livro 84, 1764, fl. 29.

¹⁹ APFD. Livro 68, 1767, fl. 192v.



Fig. 1. Passo do Passeio Alegre

Fonte: Marisa Santos, 2020

[...], assente a meio da rua do Alto da Villa e cuja permanência prejudica o trânsito público»²⁰. A *Carta Topográfica da Cidade do Porto*, de Teles Ferreira, mostra-nos a estrutura no meio da via pública, muito próxima da interceção com a Rua Florida²¹. A demolição ficou a cargo da Câmara Municipal do Porto e depressa a confraria agiu de forma a que a reconstrução fosse possível. A 5 de julho de 1914, Agostinho de Sousa Guedes oferece um terreno na Rua do Alto de Vila, a sul da localização original:

*porque a Exma Camara faz por sua conta a demolição e reconstrução sem qualquer despeza para esta confraria e com vantagem para o local onde actualmente está situada, já também porque o Ex.mo Agostinho de Sousa Guedes nos oferece gratuitamente o terreno preciso*²².

O Passo do Passeio Alegre, localizado originalmente junto dos edificios anexos à igreja que fechavam o largo, foi deslocado para uma cota mais baixa (Fig. 1). O *Estudo de um novo acesso ao Largo da Igreja da Foz* (junho 1950), mostra-nos a transferência que viria a ocorrer²³.

²⁰ AHMP. *Vereações*, Sessão de 21 de abril de 1910, fl. 119v.

²¹ FERREIRA, 1892.

²² APFD. Livro 80, 1914, fls. 9v-10.

²³ AHMP. *Estudo de um novo acesso ao Largo da Igreja da Foz*, 1950.

Estas estruturas revestem-se de particular importância para a memória do lugar, pois materializam uma realidade perdida. Terá sido em 1972, segundo testemunhos orais recolhidos, comprovados pelos registos de despesa da CSP, que decorreu pela última vez a procissão²⁴. A festividade continuou a realizar-se, pelo menos até 1974, com música cantada «pelo que se convidaria o grupo coral da Banda da Foz»²⁵.

2. A FESTIVIDADE

A procissão não saía todos os anos. As fontes referem que quando «a Confraria não tinha mais para acorrer às despesas» eram «nomeadas duas comissões encarregues de angariar [...] donativos pela freguesia»²⁶. Não sendo obtida a quantia necessária, a festividade decorria no interior da igreja, contando de manhã com «missa solemne, a grande instrumental e sermão», durante todo o dia «exposição das imagens de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade nos seus respectivos andores e às seis horas da tarde muzica e grande instrumental, sermão [...] e exposição do Calvario»²⁷.

A documentação diz-nos que a igreja contava com armação «do tronno e capela mor pera a procissão do Senhor dos Passos»²⁸, com o «calvario na Igreja da Foz, tribuna toda forrada» e «imagens vestidas ao natural»²⁹. Para a criação deste cenário seria necessário «deslocar do altar da Nossa Senhora das Dores o Senhor do Vom Sucesso»³⁰ para ser colocado no citado calvario»³¹. O altar dos Passos era ornamentado com tecidos, sendo pago 7200 reis para «[fornar] o althar do Senhor dos Passos todo goarnecido a roixo» e lustres³². A deslocação das imagens dos seus locais habituais e a sua inserção em estruturas armadas e decoradas com tecidos contribuía para um cenário efémero, criado com o objetivo de incentivar ao fervor devocional, a que se associavam «oradores, mestre ou regente de músicas, fornecedores de fogo d'artificio»³³. Existe também registo de pagamentos pelo toque dos sinos, que contribuía para a paisagem sonora característica de uma festividade religiosa.

As despesas com música são largamente registadas. Existia música vocal e/ou instrumental na missa e na procissão³⁴. Antes da fundação da Banda Marcial da Foz (1883) era o regimento militar que acompanhava a procissão, informação confirmada pelo «Dinheiro pera

²⁴ APFD. Livro 75, 1972, fl. 65.

²⁵ APFD. Livro 83, 1974, fls. 31-32.

²⁶ APFD. Livro 93, 1906-1912, fl. 3.

²⁷ APFD. Livro 93, 1910, 15v.

²⁸ APFD. Livro 67, 1812, fl. 31.

²⁹ APFD. Livro 67, 1858, fl. 31.

³⁰ Esta invocação corresponde, na Igreja da Foz, ao Cristo Crucificado (primeiro altar do lado do Evangelho).

³¹ APFD. Livro 52, 1921, fl. 18v.

³² APFD. Livro 145, 1909, doc. 140.

³³ APFD. Livro 92, 1895, fl. 2.

³⁴ APFD. Livro 67, 1856, fl. 31.

a muzica do regimento 6.880 reis»³⁵. O registo fílmico da procissão capta a passagem da Banda Marcial da Foz, vinda da Rua de São João (00:00:12)³⁶.

A esta festividade juntavam-se a Confraria do Santíssimo Sacramento que colocava «à disposição todas as alfaias [...] para a festa do Senhor dos Passos»³⁷ e a Confraria do Povo e Almas, cujos irmãos eram convidados para «compasarem na Igreja [...] a fim de se incorporarem no religioso préstito»³⁸. Os seus altares eram iluminados no dia da festa pela CSP, montante que mais tarde era pago pelas ditas confrarias³⁹.

3. OS PERCURSOS POSSÍVEIS



Fig. 2. Construção digital do percurso segundo a ata de 15 de janeiro de 1854 (APFD. Livro 85, 1854, fls. 31v-32v) sobre a *Carta Topográfica da Cidade do Porto* de Teles Ferreira (FERREIRA, 1892)

Parcos são os registos dos percursos da Procissão dos Passos na Foz. A documentação mais antiga data de 15 de janeiro de 1854, referindo a alteração ao anterior percurso que se desconhece (Fig. 2):

³⁵ APFD. Livro 67, 1806, fl. 27v.

³⁶ [Procissão do Senhor dos Passos da Foz do Douro], c. 2008 [1950-1956].

³⁷ APFD. Livro 92, 1798, fl. 5.

³⁸ APFD. Livro 120, 1903, fl. 1v.

³⁹ APFD. Livro 103, 1921, fl. 18v.

*ao fim da Rua Direita á direita, volta á esquerda á esplanada do Castello ao longo do mesmo, e d'ahi segue em frente para Norte pela Rua de S. Bartholomeu atravessa a da Senhora da Luz e segue é Rua de Cima da Villa ao Passos respectivo*⁴⁰.



Fig. 3. Construção digital do percurso do século XX sobre a *Carta Topográfica da Cidade do Porto de Teles Ferreira* (FERREIRA, 1892)

Através dos testemunhos orais recolhidos e do registo fílmico é possível procedermos ao mapeamento do percurso instituído a partir dos anos 50 do século XX (Fig. 3). A procissão saía da igreja, na qual decorria o pretório, descia pela Rua de São João até à Cantareira, seguindo e percorrendo o Passeio Alegre, parando no respetivo Passo. Chegada à interceção com a Rua Bela, apenas o andor do Senhor se dirigia ao Passo com o pároco, descendo novamente para o Passeio Alegre e continuando em direção à Esplanada do Castelo. Seguia pela Rua de Nossa Senhora da Luz e virava à direita na Rua do Gama (atual Rua do Diu). Descia pela Rua Nova do Túnel (atual Rua do Teatro), em direção a Cadouços (atual Rua da Fonte da Luz). Percorria a Rua da Cerca e virava para o Alto de Vila, parando no respetivo Passo. Descia a Rua Florida (atual Rua Miguel de Sousa Guedes) e parava no Passo de Santa Anastácia. Daí percorria a Rua Central (atual Rua Padre Luís Cabral) até ao Passo da Feira e descia pela Rua das Laranjeiras até entrar novamente na Rua de São João, regressando à igreja.

⁴⁰ APFD. Livro 85, 1854, fls. 31v-32v.

À época, a maioria destas ruas tinham bitola estreita e eram extremamente íngremes. De facto, devido ao peso dos andores, eram necessários 12 homens para carregar o andor do Senhor, e devido às características do terreno, a procissão deveria marchar lentamente, convertendo-se num compasso de tempo sofrido de provação e superação.

4. AS PERSONAGENS E A ORGANIZAÇÃO

Face às fontes recolhidas é possível elencarmos os intervenientes da procissão. O Livro de Eleições do Senhor dos Passos (1733) aponta:

O grão/ Penitentes/ Trombetas/ Estandarte/ Os irmãos/ Anjos – O primeyro – Sto. Calise/ Segundo – Dados/ Tersseiro – Verónica/ Quarto – Cravos/ Quinto – Títullo / Sexto – exponja / Septimo – lança/ Seguesse/ Os prezados saledores / Andor do Senhor / [...] / Palio /⁴¹.

Neste documento são referidas «trombetas», termo já utilizado em 1715 para a despesa feita com «homem qui tocou a trombeta»⁴², denominado de «fagote», personagem habitualmente mencionada nas contas da CSP no século XVIII: «Pello que dey ao fagote 960 reis»⁴³. Esta denominação é utilizada, em 1909, pelo «ilustre colaborador F» no jornal «O Tripeiro», que a associa à figura jocosa presente nas Procissões dos Passos no Porto e na Foz, em 1869. Apresentava-se «vestido de centurião» e «tocava n'uma busina», cuja participação era paga com «uma gamela com polvo guisado e feijão fradinho, tudo isto humedecido com um classico vinho», levando a que «o rapazio» entoasse durante a procissão «Vomita o polvo, Feijão fradinho!»⁴⁴. Para acalmar este irreverente comportamento, já condenado pelas Constituições Sinodais do Porto (1735), o uso desta figura foi substituído pela bandeira, dando ao ato um carácter mais solene⁴⁵.

As fontes aludem à apresentação dos irmãos da CSP, que deveriam fazer-se acompanhar pelas insígnias e varas, sendo «obrigados a terem sua vestia e [murça] roxa»⁴⁶. Era recorrente a compra, aluguer ou empréstimo de opas entre confrarias, comprovado pela correspondência trocada entre a CSP e a Irmandade do Nosso Senhor Jesus dos Passos da freguesia de Vera Cruz (7 de março de 1960), em Aveiro, que solicitam «o favor da cedência das opas [...] podendo nós na altura da vossa procissão emprestarmos igualmente as nossas 30»⁴⁷.

⁴¹ APFD. Livro 84, 1733, fl. 10.

⁴² APFD. Livro 68, 1715, fl. 57v.

⁴³ APFD. Livro 68, 1758, fl. 169.

⁴⁴ F., 1909: 127.

⁴⁵ N., 1909: 176.

⁴⁶ APFD. Livro 1, séc. XVII, fl. 124.

⁴⁷ APFD. Livro 145, 1960, fl. 136.



Fig. 4. Procissão do Senhor dos Passos. Autoria desconhecida

Fonte: [Procissão do Senhor dos Passos da Foz do Douro], c. 2008 [1950-1956]: (01:03)

Outro elemento fundamental eram os anjos, personagens assíduas neste tipo de procissões. Os Estatutos de 1781 encarregam «viuvaz e solteiraz qui forem irmanz» de «darem pera os anjos»⁴⁸. As doações eram empregadas no vestuário e adornos, nomeadamente nas *Arma Christi*. Conhecemos a participação dos anjos do «cálix», «dados», «Santa Verónica», «cravos», «titullo», «esponja» e «lança»⁴⁹. É clara a relação entre o tema da Paixão e os atributos destas personagens, cuja participação perdurou até ao século XX, como se constata no registo filmico (Fig. 4) e nos Passos de Monção.



Fig. 5. Andor do Senhor dos Passos. Autoria desconhecida (século XX)

Fonte: <https://cutt.ly/FjYucU0>

⁴⁸ APFD. Livro 14, 1781, fl. 13.

⁴⁹ APFD. Livro 84, 1735, fl. 49.

Perante o registo fílmico (02:42-04:45) constatamos que a abrir a procissão ia o estandarte e os irmãos da confraria com opas. Seguiam-se anjos, o andor do Senhor (Fig. 5), e novamente anjos com as *Arma Christi*, um Arcanjo, Maria Madalena e Nossa Senhora das Dores, o andor da Senhora da Soledade, três Marias, acólitos e demais irmãos. Perseguia o pálio, com representantes do poder religioso e do poder civil, a Banda Marcial da Foz e os penitentes. A ladear encontravam-se elementos da guarda civil que mantinham a ordem e irmãos que criavam uma barreira entre o cortejo e os fiéis. Ao longo da diacronia praticamente todos os intervenientes mantiveram-se, sendo possível a migração dos seus lugares no cortejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além de um rito devocional, a procissão é também um exercício de poder. As imagens no alto dos andores, para verem e serem vistas, os representantes religiosos por debaixo do pálio envergando o Santo Lenho e as mais estimadas famílias que pertenciam à irmandade, refletem a importância do estatuto social associado à prática religiosa.

Apelava-se à visão através das flores, cores dos paramentos e brilho das alfaias; à audição pelo silêncio interrompido pelas preces e música; ao olfato através do aspergir do incenso; e, ao tato pelo toque nas imagens. As crianças encarnavam as personagens atribuídas, como se pode observar nas expressões dos anjos. Todos os elementos percorriam com respeito e seriedade as ruas. Acólitos, irmãos e anjos asseguravam a divisão entre os andores, enquanto a música marcava o passo. Muitos eram os crentes que preenchiam os caminhos percorridos, bem como as janelas e varandas engalanadas de colchas estendidas (00:04:28/00:04:39). Entre orações individuais, preces e lágrimas, muitos eram os que se ajoelhavam e faziam vénia à passagem do pálio.

Neste artigo apresentamos as fontes que referem a festividade dos Passos na Foz e as arquiteturas a ela associadas, descrevendo percursos e elementos constituintes da procissão. Não tivemos como objetivo a análise das iconografias presentes nem dos elementos artísticos que a compunham. Ao longo da investigação constatamos a carência de um estudo que descrevesse esta prática religiosa que outrora animou o espaço da Foz e que atualmente subsiste na memória dos mais velhos. Devido à inexistência de documentação, no atual estado de investigação, não é possível mapear os Passos armados nem proceder à correspondência das estações do ciclo da Paixão com os Passos construídos.

FONTES

Fontes iconográficas

FERREIRA, Augusto Teles (1892). [*Carta Topográfica da Cidade do Porto*] [Material Cartográfico]. Escala 1:500. [Quadricula 22 a 67]. Arquivo Municipal do Porto, Porto, Portugal. D-CDT/A4-51(22) – D-CDT/A4-51(67).

[*Procissão do Senhor dos Passos da Foz do Douro*] [Registo fílmico]. Igreja Paroquial de São João da Foz. c. 2008. Cópia digital de uma bobine, 1950-1956. Sem distribuição.

Fontes escritas

Arquivo Histórico Municipal do Porto

AHMP. *Estudo de um novo acesso ao Largo da Igreja da Foz*, 1950. D-CMP/4(113).

AHMP. *Vereações*, Sessão de 21 de abril de 1910, 2781, fl. 119v.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Memórias paroquiais*, vol. 16, n.º 139, p. 879 a 890.

Arquivo Paroquial da Foz do Douro

APFD. *Confraria do Senhor dos Passos e da Nossa Senhora da Soledade da Igreja da Foz do Douro*. Livros 1, 6, 14, 52, 67, 68, 75, 80, 83-85, 92-93, 103, 120, 145. 1713-1974.

Fontes impressas

SOUSA, D. João de (1735). *Constituições Synodaes do Bispado do Porto [...]*. Coimbra: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. (2003). *Vivências da Paixão de Cristo: a imaginária religiosa no concelho de Ovar*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar.

BASTO, A. de Magalhães (1945). *Silva de história e arte: notícias portugalenses*. Porto: Livraria Progreior.

CARDONA, Paula Cristina Machado (2008-2009). *Procissões sacras: arte e equipamentos no universo das confrarias*. «Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património». Série I. 6, 127-149.

F. (1909). *Notas ao Tripeiro*. «O Tripeiro». I Série. Ano II. 43 (1 set. 1909) 127.

FESTAS e solemnidades extintas por Velho Tripeiro. «O Tripeiro». I Série. Ano II. 64 (1 abr. 1910) 447.

MAIA, Sebastião Oliveira (1988). *Onde o rio acaba e a foz do Douro começa*. Foz do Douro: O Progresso da Foz, pp. 37-41.

MOURA, Nuno Augusto Monteiro de Campos (2009). *A Foz do Douro: evolução urbana*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade Portuguesa. Dissertação de mestrado.

N., João (1909). *O Fagote*. «O Tripeiro». I Série. Ano II. 47 (10 out. 1909) 176.

OSÓRIO, Rui (2010). *O Tesouro Barroco da Foz do Douro*. Porto: Paróquia de São João Baptista da Foz do Douro

OSÓRIO, Rui (2015). *Foz do Douro de 1216 a 2016: 800 anos da Paróquia de São João Baptista*. Porto: Paróquia de São João Baptista da Foz do Douro.

PEÑAFIEL RAMÓN, Antonio (2001). *Espectáculo y celebración religiosa en la Murcia del siglo XVIII*. «Contrastes: Revista de Historia Moderna». 12, 247-262.

RODRÍGUEZ IGLESIAS, Francisco, dir. (2008). *La Semana Santa en Galicia*. Coruña: Hércules Ediciones, vol. 3.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus (2015). “Os espinhos de uma coroa sem flor”: a teatralidade barroca na Procissão dos Passos em São Cristóvão, Sergipe. «Revista GeoNordeste». Ano XXVI. 2 (ago./dez.) 87-99.

SANTOS, Marisa Pereira (2019). *A Procissão dos Passos da Paixão de São João da Foz do Douro*. «REVELAR: Revista de Estudos da Fotografia e Imagem». 4, 100-118.

SANTOS, R. Manuel (1908). *A Igreja da Serra do Pilar*. «O Tripeiro». I Série. Ano I. 4 (1 ago. 1908) 51-52.

SEGURA RODRÍGUEZ, Lourdes (1987). *La Semana Santa en el Bajo Aragón*. Madrid: Instituto de Estudios Turolenses.